

PEDRO PIRES
a PELE é
o LIMITE
do nosso
INTERIOR

Por Manuela Synek

Pedro Pires é um escultor em início de carreira artística. O seu trabalho na área da escultura trata o corpo num dimensionamento humano e real, com uma mensagem explícita aos feitos da guerra que se encontram espalhados nas diversas zonas do mundo, numa estreita correlação e ligação à memória individual e colectiva.

Podemos enquadrar o percurso de Pedro Pires numa nova figuração. O corpo surge na sua total compleição em posição vertical e horizontal ou fraccionado numa série de cabeças ou rostos preenchidos com balas, soldados de plástico verdes ou brancos e com letras de chumbo. Num desses estudos o artista pretendeu realizar um auto-retrato, usando brinquedos da marca Kinder para cobrir uma cópia da sua cabeça. Ao cobri-la com esses objectos, esconde-se nos traços fisionómicos, revelando através dos bonecos uma parte da sua personalidade. Interessa-lhe que da forma final resulte o ocultar da sua pele, da sua identidade. Frequentemente, o volume é construído a partir do corpo do próprio artista, utilizando-o como um molde directo. Ele explica que é importante usar o seu corpo como princípio formal, porque «é em mim que tudo acontece, mental e fisicamente, e é da minha vivência que as obras surgem». Isto é, tenta esculpir através do seu interior, usando o seu próprio corpo como material. A escultura funciona assim como uma casa para o seu corpo, um resguardo que encobre o seu interior, uma espécie de máscara daquilo que lá vai dentro e que faz diferenciar uns dos outros, numa tentativa de os uniformizar em série, porque não lhe interessa tanto a individualidade do seu corpo, mas sim o volume enquanto símbolo. Noutras obras ele constrói um edifício em tijolo, partindo da arquitectura do corpo como molde volumétrico como em *Corpo - Casa* e, recentemente, o escultor simula a construção de um Edifício, usando o tijolo para envolver o corpo. Através do tijolo, que é a pele da escultura, separa o interior do exterior. Eleva uma casa para o corpo do presente, numa espécie de abrigo de vivências e de interpretações, onde guarda as suas memórias. Estas esculturas são também casas ou habitáculos para um corpo real.

PELE III - DEPOIS, 2007,
ESCALA EM FERRO,
195 X 95 X 55 CM

▼▼ **Interessa-me que dentro das esculturas**
habite o espaço do meu corpo ▼▼

Foi a partir da sua participação no Anteciparte que este criador passou a ganhar maior visibilidade, expondo duas peças *Nova Pele*, de forte impacto visual, em resina, ferro, chumbo e plástico. Uma das obras encontrava-se de pé, toda ela feita e revestida de múltiplos e minúsculos soldadinhos, como se fosse um corpo invadido por um exército. O escultor retira-lhe toda a individualidade formal, convertendo-se e transformando-o num corpo standard que deixa de estar ligado a ele, para passar a estar mais próximo do "outro". A pele é assim o órgão que separa o mundo interior do mundo exterior, estabelecendo a fronteira física entre o "eu" e o "outro". Estes objectos transformam a superfície do corpo num campo de batalha que simboliza o interior do Homem Contemporâneo. Esta pele em guerra é um extremo do que são as relações humanas, de um estado que o homem alcançou. A segunda figura aparece deitada, inanimada, postada no

ESTUDO PARA UMA
NOVA PELE (KINDER),
2005, ESCULTURA EM
RESINA, BRINQUEDOS
KINDER E GESSO, 44 X
23 X 29 CM



chão,

morta, com a pele revestida

de balas de chumbo. Estas duas obras adquirem força

numa carga metafórica potente, resultante sobretudo da postura do corpo estático e

inerte provocando um cenário de um drama. Debruça-se sobre uma temática que abrange um assunto vasto

abordado por importantes escultores, como um conjunto de estátuas sem cabeça da artista polaca M. Abakanowicz, baseadas na sua experiência de guerra e os trabalhos de chumbo de Gormley (*Umbigo #11*) em *Critical Mass*, sendo um momento para pensar na vítima, dedicado ao Século XX.

Pedro Pires acaba de expor na Galeria Arte Periférica, onde apresentou *Corpo e Pele*, três corpos em ferro, persistindo numa problemática idêntica. Propõe aqui uma armadura para o corpo, impedindo e vedando numa barreira resistente, a comunicação entre o exterior e o interior. As peças são desenvolvidas a partir de quadrados de ferro como matéria para cobrir a personagem envolvendo corpos reais como se de novas peles se tratasse. As chapas quadradas funcionam como pixels metálicos, retirando individualidade e especificidade, tornando-as num corpo comum. Há neste conjunto um jogo plástico provocado pela irregularidade das chapas acentuadamente geométricas, criando uma dinâmica e densidade próprias à semelhança de *Uma Casa para um Corpo*. Tenta criar um efeito gradativo e contrastante entre a opacidade, a transparência e o brilho das peças, precisamente pelo engendrar da disposição dos quadrados de ferro.

Os trabalhos escultóricos são acompanhados de desenhos em que os traços figurativos vão-se afastando para dar lugar a manchas abstractas, mais sugeridas do que descritas e os contornos das linhas vão desaparecendo e ficando diluídas formalmente, ficando apontamentos expressivos de tonalidades da pólvora seca. Nestes desenhos é impossível controlar o resultado final.

Interessa-lhe o aspecto accidental da sua construção. A ideia foi construir formas antropomórficas para aproximar qualquer delas a um corpo que as observasse e assim se pudesse identificar. As composições são realizadas com o material pólvora a intervir no papel, material escolhido intencionalmente pelo artista. É

um composto criado pelo homem ligado à destruição, à aniquilação do próprio homem. O autor pretendeu inverter a função da pólvora e criar formas humanas em vez de as destruir, subvertendo a função inicial deste material. O próprio aspecto quadrado das partículas de pólvora adquire uma relação formal com o pixel, o que permitiu ao artista desenvolver o aspecto de névoa. Revela um novo sentido plástico e estético de fazer escultura, tendo contudo a preocupação de não se desligar do sentido da forma volumétrica figurativa. Esta subversão que toca no aspecto conceptual revela-se não só no seu sentido formal e compósito mas no próprio símbolo que representa.

Há uma particularidade neste jovem escultor que é o facto de persistir no seu trabalho uma linha figurativa, mas em que o lado conceptual está presente. Consegue expor os dois campos em acção, o formal e volumétrico e o aspecto cognitivo, inteligível e sensível/emocional. O corpo humano é o mais potente veículo para o sentimento. Quando o artista deseja abordar a temática da guerra vai buscar os elementos actuaes num discurso lógico, como a inclusão de balas, os soldados e a pólvora. Numa cabeça formada de letras de chumbo é visível este raciocínio. Para este artista o trabalho escultórico ainda faz sentido, concebe-o como uma disciplina autónoma. O que é raro no actual panorama das artes plásticas em que os novos criadores enveredam pelo cruzamento estreito entre as diversas áreas visuais numa diluição das fronteiras artísticas em convergência de expressões. É claramente através deste suporte

visual sem cruzamento com outras áreas que resolve fazer o seu percurso artístico, coerente e original no tratamento das formas, obtendo um resultado pessoal.

AMBERITE,
2007, DESENHO
EM PÓLVORA
SOBRE PAPEL,
50 X 70 CM

NOVA PELE, 2006, ESCULTURA EM RESINA,
FERRO E PLÁSTICO, 200 X 70 X 35 CM